MENDES DE AGVIAR
(DA ARCADIA ROMANA)



AVSONIA

CARMINA



EMPREZA GRAPHICA EDITORA
PAULO, PONGETTI & C.
MCMXXVI

Copyright © Daniel Mendes
Capa, diagramação: Daniel Mendes
Revisão: Daniel Mendes
Revisão: Francisco José dos Santos Braga

M358a Joaquim Mendes de Aguiar
Ausonia Carmina / Joaquim Mendes de Aguiar
2ª ed. Cairu, BA
Copyright [2019] by Daniel Mendes.
1. Poesia - Brasil 2. Literatura Latina

---

1. Poesia Brasileira CDD B869.1
2. Literatura Latina CDD 870

RECADO DO EDITOR

Este *Ausonia Carmina* é um livro de poemas em latim, do célebre latinista brasileiro Joaquim Mendes de Aguiar, primeiro publicado em 1926.

No velho exemplar que utilizei para fazer esta nova edição há algumas correções feitas pela própria mão do autor, que pude emendar com a ajuda do Francisco Braga, que é tradutor do latim além de músico e compositor. A ortografia da época, hoje bastante desatualizada, resolvi preservar.

Um destaque neste livro é o *Hymnus Brasiliensis*, uma versão homeométrica do Hino Nacional Brasileiro – como apontou Francisco Braga em seu estudo. Vai como adendo, ao final do livro, um pequeno resumo desse texto – integralmente disponível no *Blog do Braga* – em que ele analisa a homeometria no *Hymnus*.

É com grande alegria que aproveito a oportunidade de republicar o *Ausonia Carmina*, com seus erros tipográficos devidamente corrigidos, fazendo assim, depois de algumas décadas, a vontade de um antepassado.

Meu serviço foi o de simplesmente copiar o livro, utilizando *softwares* de código aberto, para torná-lo disponível pelo método da autopublicação. Creio que seja graças à liberdade desse sistema que pude pinçar, do seio da década modernista, um árcade romano como o Mendes de Aguiar.

Joaquim Mendes de Aguiar parece ter sido

uma pessoa admirável. Conhecido na intimidade como "Iozinho", contam que ele mandava preparar para sua chegada uma bacia cheia de gelo e cerveja, quando ia do Rio para Salvador.

Quem me dera estar lá, na Salvador dos anos vinte, tomando uns copos com o Iozinho, sonhando com versos latinos, virtudes clássicas e nobres ideais.

Esperamos que mais pessoas possam se deleitar com o "intransigente parnasianismo" desse surpreendente autor, conhecido na Arcádia Romana como *Agesander Thermidævs*.

DANIEL MENDES

JURA QUÆ A LEGE SUNT EGO MIHI RESERVO

AVSONIA CARMINA

VERSOS LATINOS DE MENDES DE AGUIAR

Professor Cathedratico do Collegio Pedro II, Pastor da Arcadia Romana sob o nome Arcade "Agesandro Thermidêo". Membro do Instituto Historico e Geographico de Sergipe e lente de latinidade em diversos Gymnasios e Institutos d'esta Capital.

(Com um juizo critico do Prof. Floriano de Brito)

PCbooks





PROF.OR MENDES DE AGUIAR

DISCIPULIS ET AMICIS

Quæ hic inveniuntur carmina, sive classico more composita, sive rythmis impræsentiarum adhibitis, lectorum aures et mentes procul dubio lædere nequeunt; multa vero, quæ celata supersunt, hinc expugenda ac prætermittenda putavi, quum pro nihilo sumenda rite agnoscam.

Omnia quæ, in his carminibus typis cusis, Romani sermonis elegantiam ubertatemque forsitam meminisse valeant, vobis iterum atque iterum esse haurienda, mihi peroptandum est valde.

Hujus libelli simplex dos est – quod faxit Deus Optimus et Maximus ut adulescentuli, in Brasilia sati – dum Amica Verba *legerint carmen – linguæ latinæ studium in usum perfectiorem necnon utiliorem luculenter ac nervose convertant; unusquisque, pro suo instituto, rei latinæ saluberrimis et fecundissimis se informet argumentis; eisdem imbui large ac prodigialiter curet: in optimarum artium disciplina quotidie magis efficiatur instructus, denique litteris scientiisque omnino præstet.*

Ergo, date operam ut valeatis, quasi lilia convallium copiose florete, atque virtutis odorem suavissimum perfundite ubertim.

Mendes de Aguiar

IN EXCELSIS

Na lamentabilissima crise de agnosia, por que passa o nosso paiz, disciplina alguma é tão desprezada como o latim. Quem seja capaz de entender a phrase mais simples ou de interpretar um trecho, siquer, do menos difficil dos classicos, é hoje uma *avis rara nigroque capillo*.

Felizmente, ha ainda entre nós eximios cultores da synthetica e pulcherrima latinidade. Basta citar José Acciolli e Mendes de Aguiar, dois mestres de inexcedivel saber, para os quaes não tem difficuldades ou segredos a ductilissima lingua de Cicero; e Hahnemann Guimarães, o moço erudito que, não ha muito, se distinguiu em memoravel concurso. Estes e poucos outros, entretanto, são os ultimos abencerragens da cultura latina.

Para o grande resto da nossa nacionalidade, e só falamos da parte culta do Brasil, é o latim, menos do que uma lingua morta, um preparatorio completamente inutil, com o qual não devem os moços de hoje despediçar o tempo, que não lhes chega para a dissolvente frivolidade das festas mundanas e a exclusiva preoccupação com os varios despôrtos.

Menos lastimavel não é o que se observa entre os doutos. Os raros que, preoccupados em exhibir falsos conhecimentos de classicismo, se aventuram a uma citação latina, das que se encontram nos differentes florilegios, sacrificam revoltantemente a prosodia e perpetram as mais horripilantes syllabadas.

Por tudo isso, é de pasmo, quasi de estarrecimento, a impressão que produz em quem sabe latim; mas sabe de verdade, pensando, escrevendo e compondo em latim. Nas universidades européas, onde é ás vezes de nove annos o curso da lingua do Lacio, é vulgarmente encontradiço o typo do bom latinista. Entre nós, porém, com o prodigio de alumnos que aprendem a difficilima disciplina em seis mêses de estudo, – que aprendem ou imaginam aprender, – apresenta este mesmo typo algo de mysterioso e de lendario.

Mendes de Aguiar, o impeccavel poeta dos *Ausonia Carmina*, é um desses privilegiados. Só quem lhe priva na carinhosa e bonissima intimidade, conhece como lhe é incrivelmente facil o manejo do verso latino.

Ouvindo-lhe uma das odes, tem-se a magica impressão de um dilatado recúo no tempo e no espaço. Não é um contemporaneo, que nos está declamando pentametros ou hexametros da sua lavra. É um vate contemporaneo de Mecenas, que, com a toga artisticamente atirada sobre os hombros e a fronte cingida de louro, nos lê o derradeiro carme composto em honra de um amigo dilecto ou o ultimo hymno entoado ás omnipotentes divindades de Roma. E prolonga-se o sonho acordado e continúa a maga resurreição das éras mortas: ouve-se a vozearia do povo no Colyseu, vê-se o desfile dos legionarios, palmilha-se o pó da via Appia, escuta-se a voz augusta de Cicero no Senado, estrugem as delirantes ovações com que é recebido o *imperator* victorioso na *urbs* imortal.

A ultima producção de Mendes de Aguiar, a ode

a Quintino do Valle, declamada na solemnissima posse do novo e provecto cathedratico de Portuguez, é bem a prova da pasmosa facilidade e absoluta perfeição, com que verseja em latim o excelso e já celebre poeta. Com os dias inteiramente consagrados á afanosa labuta do magisterio e a saúde gravemente combalida, foi de um jacto que se crystallizou a derradeira obra-prima, de tersa pureza horaciana e metrica absolutamente escorreita.

Por esse intransigente parnasianismo é que mais se recommendam os *Ausonia Carmina*. Quer nos distichos e saphicos, quer nos versos rimados, que formam a segunda parte, Mendes de Aguiar é sempre impeccavelmente correcto.

Os seus hexametros não discrepam jamais no meticulosissimo rigor das cesuras e vez nenhuma se lhe encontra um espondaico, como é technicamente denominado o verso em que é espondeu e não dactylo o quinto pé do mesmo hexametro. São, portanto, uma licença a menos e um merito a mais nos *Carmina* do magistral latinista. E, eloquente é a observação, o escôlho do espondaico, que é sempre um escôlho, não no evitaram os melhores poetas, como nos occorre agora, de Ovidio nas *Metamorphoses*, o hexametro:

Margine terrarum porrexarat Amphitrite

No verso pentametro, o mesmo é o rigor classico de Mendes de Aguiar, a mesma correcção syntactica. E sempre, a realçar-lhe o merito dos versos, o mais escrupuloso proposito de evitar as licenças poeticas,

qual o aconselha o preceito quintiliano:

> *In licentia magis inventis quam inveniendis utimur.*

A excepção unica, encontramol-a nos distichos á Bahia, aliás confessada pelo proprio poeta:

> *Salve in basilicam versum templumque vetustum.*

Na ode saphica, ao envés de seguir o schema original, de um dactylo entre duas dipodias choraicas, segue o nosso poeta a modificação horaciana, tornando espondeu o segundo pé trocheu. Aliás, comprehensivel é a modificação de Horacio: emquanto eram cantadas as poesias de Sapho, lia-as ou declamava-as o poeta romano.

As tmeses, quando as emprega o nosso vate, dão-lhe ao verso o sabor de um perfume de antanho, como na poesia do rei Alberto:

> *Serta Philo hæc Sophiæ et studiorum laurea cingant.*

Na segunda parte dos *Carmina*, emprega Mendes de Aguiar o verso moderno, em que, si não é classica a feitura, é sempre lidima a syntaxe.

Quando seja verdade que seguem a metrica rigorosamente latina muitos e notaveis poetas christãos, como Paulino de Nola, Sidonio Appolinario e sobretudo Prudentius, menos verdade não é que admitiu a

propria Igreja Romana a rima e a metrificação por syllabas na sua variada e riquissima liturgia. Nem mister se faz citar outros exemplos além do *Dies Iræ* e do *Stabat Mater.*

É a esse processo esthetico que obedeceu Mendes de Aguiar no *Tentamen Sequentiæ* de S. Sebastião, no *Hymno de Santa Clara*, no *Angelus* e na versão em latim de poesias brasileiras, entre as quaes generosamente incluiu um desvalioso soneto nosso.

Si pequeno é relativamente o numero de iniciados na poesia latina, talvez por isso bem maior seja o valor, o rarissimo valor do poeta. Os seus *Ausonia Carmina* não vêm patentear-lhe os meritos de latinista, pois lhe é o renome por demais vulgarizado.

Mas, e esta é a sua gloria inegualavel, o que ficará indelevelmente consagrado é a pasmosa plasticidade do seu espirito formosissimo: e o que deve assombrar é o mysterioso resurgimento de um estheta romano, versejando em pleno seculo XX como nos aureos tempos de Augusto.

Rendam-se-lhe, pois, todas as honras, que bem nas merece elle pela magia e surprehendente floração do seu mirifico talento.

Quanto a nós, só nos traduz o enthusiasmo, que nos empolgou ao terminarmos a leitura dos *Ausonia Carmina*, e o preito tributado por Dante ao seu genial companheiro de viagem pelos circulos do Inferno:

Tu duca, tu signore e tu maestro!

Agosto de 1926, FLORIANO BRITO

CARMINA CLASSICO MORE

Bahiæ Almæ et Magnae

necnon

Domino Hieronymo Archiepisco,

Adimpleto sæculo Libertatis adeptæ,

Absentis nati

Pietatis obsequium

Fontibus epotis, aliis regionibus, oræ
Cum plantis flores ingenuisse solent.
Excipitur tamen, e cunctis rigionibus, una
Quæ gignit flores, sanguine pota, suos.
Sola BAHIA, cruore necatæ virginis uda,
Floribus innumeris ditia prata tenet.
Quos inter, primus flos Libertatis adeptæ,
Virginis Angelicæ sanguine, cretus adest.
Spirius ille, odio resolutus, virgine cæsa,
Non secus ac redolens thus it ad astra pium.
Impetrat et Libertatem Patriæ, inde decoris
Legibus institui possit ut illa suis.
Barbara gens, et quam pietas non mitigat ulla,
Traditur hoc una deperiisse die.
Dicturis Domino laudes aperire puellis
Incepit tutas BRÁSILIS ora Domos.
Flores sunt clausi; sed nil redolentius illis,
Quæ laudes Domini pectore et ore canunt.

*

Neve putes illas tantum perfundere odorem,
Innumeri Antistes floris at instar habet.
BRASILIDES valles æstivis floribus halant.
Dulcis et in mediis vallibus unda sonat.
Suavior æstivis vernas, HIERONYME, campis,
Dulcior et tua vox, fonte sonante, sonat.
Vere ineunte novo, assurgit nitidissimus annus,
Tum resonant silvæ, dulce queruntur aves.
Verum hoc nullus surrexit clarior annus,
Quo impletur sæcli dimidiumque Sacris.
Terra tibi et plaudit, geminant tibi sidera plausus,
Et referunt voces ventus et aura suas.
Ipsi te fontes resonant, dum, murmure læto,
Nocte implent auras, lætaque prata rigant.
Sidera collucent, toto radiantia cælo,
Inceditque suas luna serena vias.
At fulget, cunctis longe radiantior astris,
Quæ frontem cingit infula sacra tuam.
Lunā candidior tum quum plenissima cælo,
Ætheriis spatiis, nocte silente, micat.
Nulla ætas, quamvis totus tibi dimicet orbis,
Eripiet frontis laurea serta tuæ.
Plura quidem subeunt, verbo at clauduntur in uno:
Dulce decus Patriæ, tempus in omne, vale!

*

Julia lux, salve, fulgens postrema kalendas,
Lysia, quā, imperio decidit ipsa suo!
Alma BAHIA, vale, conchis pretiosior albis,
Ó gemmæ similis, æquore cincta virens!

*

Salve, in Basilicam (*) versum, templumque vetustum,
Christicolæ veteres quod tenuēre Patres!
Marmore magnificum, celebraberis omne per ævum,
Dum mare te cingit, mitis et aura fovet.
Præsulis istius, populis momumenta futuris,
Adde tamen titulis nomina tanta tuis.
Accipe, nil superest etenim nisi mittere laudes,
Ac tantis quales addere cumque tuis.

*

Brásili Terra, vale! septem subjecta trioni,
Absentis nati suscipe vota tui.
Brásili Præsul, ave! tempus dicende per omne,
Nil his censendum ni celebrantis amor.

(*) Nota do auctor: – Sendo a syllaba BA da palavra BASILICAM breve, firmado na licença de que se utilisaram os poetas latinos, mui de boamente busco alongal-a; pois tal usança ocorreu a Vergilio no hexametro:

Terrasque tractusque maris cœlumque profundum.

Petro Secundo

Brasiliæ Imperatori,

A natali suo sæculo jam expleto,

Hic sacer doctrinæ tradendæ locus,

Tanto sui protectoris insignitus nomine,

Mendesio de Aquilariis,

Magistrorum ex corona

Musam meditante

Salutat.

Salve, Brasilidūm Tellus, uberrima florum,
Quam blandæ violæ, quam rosa mitis habet.
Verum idcirco plus salve, quia floribus illis
Pulchrior hac ortus Flos tibi, Terra, die.
Florentis cum sis veris ditissima tellus,
Aer cui late plenus odore fragat,
Ditior ast illo es, qui hodie tibi natus, odorum
Cunctorum, Petrus, cespite et instar habet.
Exacto sæc'lo natus, tibi odore recenti
Respirat, nullo deficiente die.
Culta tuis quid Idumæas, Panchaia, palmas,
Quid jactas cedros, thuraque Eoa plagis?
Petrus Idumæas superabit culmine palmas
Qui populum et populi cor ditione tenet.
Palma hæc Brasilicis surget sublimior oris,
Telluremque suis proteget illa comis.
Plurima et excelsas extemplo se tollet in auras

Frondibus et pomis utilis arbor erit.
Artibus ingenuis aderit velut alter Apollo,
Legibus augustis imperiumque geret.
Crescentem regere erudiit clementia gentes,
Nutrivit gremio culta Minerva suo.

*

Illi patrii mores debent se et Palladis artes,
Hæc schola se debet nomine dicta suo.
Te mentes nostræ, te pectus, Petre, salutant:
Applaudit meritis et Domus ista tuis.
Hæc decus Imperio dederant collegia, Petre,
Qualis *Gonsalves*, me subeunte, *Dias*, (*)
Et quibus ingenium, quibus altæ in studia vires,
Quos plus, Pierio de grege, Phœbus amat.
Vocibus hic paries, monitis hæc aula resultat,
Hæc Domus et resonat, culte Monarcha, tuis.
Quales irrigui fontes per prata sussurrant,
Reddit adhuc Domus hæc, te gradiente, sonum.
Mentibus e nostris nequeat tua imago revelli,
Hæc memori retinet corde corona suo.

*

Te hæc virum Tellus habuit, post funera Cælum,
Cum Cælo populi cor et amantis habet.

(*) Gonsalves Dias, o grande poeta brasileiro, foi, no passado, lente de Latim do Collegio Pedro II.

Alberto I.º

Belgarum Regi

Huc primum appulso

Philosophiæ ac Litterarum Facultatis

Fluminis Januarii in Brasiliā,

Auctore Mendesio de Aquilariis,

Venerationis obsequium.

Hospita te exultat Tellus, Alberte, recepto,
Qui recipi dignus sidera et inter eras.
Qualis ab Aemathiis Proles invicta Philippi,
Fronde triumphali tempora cinctus adit;
Qualis et Alcides, regum domitorque ferarum,
Centuplici Lernæ victor ab Angue redit;
Qualis Scipiades, qualis magnusque Camillus,
Alter Afros, Sénones dum ferit iste feros;
Talis ades rediens horrendo ab fulminis ictu,
Dignior at meritus cingere fronde comam.
Non tibi par usquam terris, non Solis ab ortu,
Magnanimūm Heroum nomen et alter habet.
Blanda tibi et properent nostros jam flamina portus;
Non hic adversis excipiēre plagis.

*

Pectore quam terris etenim plus, Inclyte Regum,
Te excipit hospitio *Brasilis* ora suo
Quā venturus eris, juvenes hilaresque puellæ,

Præsternent latas flore recente vias.
Ipsaque nunc Tellus, affectūs æmula nostri,
Induit et flores, te veniente, novos.
Turba canora avium, studii quasi nuntia nostri,
Jam modulis geminat carmina docta novis.
Exultant colles, exultant flumina, fontes,
Et campi et viridis, te veniente, Ceres.
Finibus immensis, quā nulla beatior, oræ,
Te visum matres, te petiēre viri.
Occurrent denso, tibi plausibus agmine, gentes,
Et nostræ capient vix genus omne viæ.
Lætitiā generis mentem perfundere nostri,
Naturæque hilari gaudia mente cape.
Ipsi te plaudent, populo plaudente, Favoni;
It comes aura tuis obsequiosa viis.

*

Stelliferæ surgent arcana silentia noctis;
Sidera cuncta micant fulgidiora polo.
Quæ ni fixa forent, æternæ et subdita legi,
Regallem vellent cingere flexa comam.
Nostra et perpetuo decorantur floribus arva;
Æther et ambrosio plenos odores fluit.
Floribus ingenium, Zephyris si sensus inesset,
Confluerent capiti sponte corona tuo.
Dum silet at nox, dum cælo fluit æther odorus,
Sidera dum lucent fulgidiora polo,
Plurima, *Brasiliæ* placidos et alauda per agros
Jam numeris resonat dulcior ipsa suis.
Quid cantet quæris? Tibi dulcia carmina cantat,

Laudes arcanis dicit et illa notis.
Concinit illa tuos forti de gente triumphos;
Victricesque manus, militiæque decus,
Concinit illa modis facundi Regis et ora,
Dum decus et Patriæ præposuisse doces.
Surgit ab astrifero demum gratissima cælo,
Laureolā placidas Pax decorata comas
Cedant arma togæ, et tandem Pax visitet orbem,
Alberto splendens irradietur iter.
Jam solium validasque tenes Moderator habenas,
Sanguine socratico namque oriundus ades.
Et studium Reges celebres adeo facit Artis,
Ut canitur toto nomen in orbe tuum.
Sola Ars, non fraudes hominum, non militis arma,
Non freta, non Austros barbariemque timet.

*

Quod stellæ nequeunt, nequeunt quod veris honores,
Dum canit, efficiat hæc *Schola*, carmem avis.
Namque tuam quali Regalem *Academia* frontem,
Rex Alberte, modo donet honore canit.
Serta *Philo* hæc *Sophiæ* et *Studiorum* laurea cingant,
Signa tibi et noster quæ dat honoris amor.
Quæque præest studiis formandæ Turba juventæ,
Obsequitur meritis plausibus illa tuis.
Nec puto, collatis meritis, seu Cæsar in armis,
Sive toga tibi, Rex, anteferendus erit.
Poneris exemplum patriis virtutibus almum,
Quidque in te Pubes morum imitetur habet.
O decus, o Belgi per Te fulgentis imago,

O rex, stant meritis regna minora tuis.
Belgica sceptra tenens! Sapientis præmia frontis,
Germen apollineum conferimusque tibi.

*

Quid cantet, quæris? hæc omnia carmina dicit;
Atque suo tegitur carmine noster amor.

Humberto Sabaudiæ Principi

Huc primum appulso,

Reverentiæ obsequium

Auctore Mendesio de Aquilariis

In Gymnasio Petri II Fluminis Januarii Professore.

Necnon Arcadum Academiæ

Apud Romanos

Pastore

Salve, terque quarteque potens, Saturnia Tellus,
ITALIA, ingeniis magna opibusque tuis!
Salve, progenies clarā de stirpe SABAUDA,
Quæ, clarā Patriā clarior, ipsa sua est!
Salve, quem genuit studiis clarissima terra,
Et cui grata dedit luminis alma bona!
Salve, magna Parens nobis Œnotria Tellus,
Plena virūm qui nunc jura salutis habent!

*

Dives at illa Domus, parto sine sanguine censu,
Moribus illustris et veneranda Fide.
Bella perosa Domus, si invita ad bella trahatur,
Qua subigit populos protegit illa manu.
Salve iterum, Princeps, proles generosa SABAUDAE,
Laudibus avitis ingeniosa tuis!
Non hic porticibus recipit te BRASILIS ora,
Cordis at hospitio te tenet illa sui.

Non hic invenies aurata Palatia regum,
Læta sed æternis floribus arva suis.
Non hic turritis incinctæ mœnibus urbes,
Florida at Hospitibus quælibet ora patet.
Non hic miraris flaventia frugibus arva,
Flava sed auriferis fontibus ipsa suis.
Nostra nec incurvo tellus findetur aratro,
Oraque fertilior non tamen ulla sua est.
Non Cereris Bacchice ferax, sed lactis abundans,
Ultro per colles nectaris unda fluit.
Non hic de Pario consurgunt marmore sedes,
Florida sed retinet quælibet ora viros.
Pectora BRASILIDUM, naturæ congrua nostræ,
Rustica sint liceat aurea fecit amor.
Terra ferax palmarum en dicat verba salutis,
Hæc, *turdus noster*, (*) dulcè queratur avis.

*

Qui illustras Roseus montes Pallantidos Ortus,
Hospite, jam terras, Principe, sparge rosis!
Alma BAHIA, vale, gaudens fulgore perenni,
HUMBERTO accepto! Concelebrate decus,
Et laudes, cives, Ductori dicite ovantes,
Nam gentes ITALUM diriget ille potens.
Sit piger ad pœnas Princeps, ad præmia velox,
Clemens, ac populos sub ditione tenens,

(*) Turdus noster = *sabiá*.

Inclytus, excellens, ut semper protegat artes.
Principis est virtus maxima nosse suos.
Hæc tibi nostra salutis nunc sint debita vota:
Hæc, HUMBERTE, libens, vota salutis habe!

*

Non ultra placitum permissa licentia vatum
Transire ac dubitet, laus erit ulla satis.
Palmas intexant tibi, Princeps, carmina nostra,
Semper Io! clamans insonet alma cohors.
Salve iterum, Princeps, donum inviolabile Pacis,
Pignus amicitiæ te tenet ora suæ!
AUSONIDAS tecum gentes, HUMBERTE, salutant
BRASILIAE gentes, terræ utriusque decus.
Qua nullus perit contingat dextera dextram,
Nostri atque amplexus fœdera Pacis erunt.

Exmo. ac Rvmo. Domino

Hieronymo Thomæ a Silva,

Sancti Salvatoris Bahiæ

Archiepiscopo,

In Brasilia Primati,

Pietatis obsequium

Unde novo fulgore nitent Bahiensia regna,
Quo Bethlem quondam jam micuēre comæ?
Unde eadem heroum quoque nomina sumpta duorum
Qui Ecclesia fulgent sidera bina Dei?
Ex sociis bis sex, alter, qui missus Eoas,
Venisse et nostras fertur ad usque plagas.
Alter et, arcano quodcumque volumine vates
Scripserunt, latiis transtulit iste notis.
Venerat ille prior, divino vinctus amore,
Solvere lethæo qui periēre jugo.
Nostræ Evangelii commisit semina terræ;
Silvicolæ Christi jam coluēre Fidem.
Utque suo fluvii tenuantur fonte resecti,
Sic ea Romano fonte resecta Fides.
Ne tamen ipsa Fides penitus deleta maneret,
Hucque pedum Sancti gens tenet usque notas.
Hactenus et servant vestigia nomina THOMAE,
Idque tamen magnā religione tenent.
Hinc avus ipse tuus THOMAS de nomine Sancti.
Nato nomen opes unde vocere dedit.
At quoniam in silvis erravit, nomina SILVAE

Nomini avi imposuit et pater ipse tibi;
Tradidit atque ita virtutes cum nomine tanto
Ut THOMAS esses qualis et ille fuit.
Lux quoque doctiloqui cœtus, HYERONIMUS ille
Indiciumque tuæ nobiliatis habet.
Is quoque Bethlæā celebratus presbyter urbe,
Ecclesiæ Sanctæ fama decusque fuit.
Hebrææ, Danaæ ac Latiæ facundia linguæ
Commisit chartis plurima verba suis.
Huic quoque ne absimilis fieres, cum nomine dotes
Sic, cupiente Deo, donat et ipse suas.
Arboribus frondes, redeunt sua sidera cœlo;
Sicque tui redeant, o Pater alme, dies!...
Jam conjux, fierem, optāras, quique ante Sacerdos. (*)
Debita, quæ mitto, verba salutis habe.

(*) Foi o arcebispo D. Jeronymo Thomé quem casou o auctor.

Reverentiæ obsequium

Domino Helvetio de Oliveira P. S. S.

Aucto Antistiti Maranensi.

Euge, Salesi! jam festæ venēre kalendæ,
Præsulis insignis: condere oportet opus.
Dicite, Pierides, quonam ditetur honore
Helvetius Pastor? – carmina ferre velim!...
Non ego doctus in hoc, non hæc solertia nostro
Ingenio: desunt dulcia verba mihi.
Alter surgat qui docta testudine laudet
Illum qui donis jam cumulandus erit.
Incipiam verò, quamquam me deserit œstrum,
Quum Pastor laude est major et ista minor.
Nunc venerandus ubique refulget. Purpura pendens
Labitur, et vasto syrmate verrit humum;
Dextra, pontificale pedum gerit; inclyta valde
Ambit honoratas infula celsa comas;
Splendidus annulus en digitos circumligat auro;
Helvetio plene munera sancta manent.
Laurigeros affers, Præsul, nunc corde triumphos,
Qui semper victor prælia grata moves.
Jam te Pastorum cernit pia turba tuorum.
Queis moderator eras, omnia vera docens.
En, large mentem ditet tibi lumine Numen
Quod stellarum ortus dirigit atque obitus.
Te dignum socii miro modulamine dicunt;
Ad multos annos Conditor orbis alat!
Hic, ubi frons ominis fontana spargitur unda,

Hic, ubi Virtutis pergrave surgit onus,
Hic ubi terrigenis Pastor nova dogmata pandit,
Hic, ubi Christicolis monstrat ad astra viam...
Non te conturbet series immensa laborum,
Namque piis passim conferet ampla Deus.
Fecundæ messes tibi flavent, Præsul, in arvis;
Posteritasque tuum vivere cernat opus.
Tunc tibi cingentur Phœbeā tempora lauro,
Teque Maranensis tellus in astra feret!...

Laudum Carmen

Silvicolarum Antistiti

Rv.mo Domino Antonio Malan P. S. S.

Curia Pontificis fulgens, hunc, nostraque tellus,
Jam servant ambæ; et axis uterque tenet:
Namque, tribus ac silvas Brasiliæque petendo,
Sæpe triumphator, sæpe tropæa tulit.
Intente aut non flammaque luceat arbitra rerum,
Fortunā est Præsul major, et illa minor.
Dicendo simul ac faciendo multipla semper,
Haud secus ut quondam, sic modo Præsul hic est.
Dum canimus grati, laus est purissima virtus
A non mentito pectore et ore fluens.
Quæ fecit, quæque aut dixit, sunt grandia valde;
Maxima prædicat – en optima Præsul agit!...

*

Præsul agit! – nullam vobis trepidare procellam,
Indigenæ fortes, Brasiliāque sati,
Quos silvæ et montes, oriundæ rupibus altis
Immites gentes, progenuēre feræ!...

*

Lustraque, dante Deo, nunc, Præsul, quinque ruēre,
Quum tibi prima fuit munera ferre sacra;

Infula nunc etiam te cingit, syrmate longo
Defluit ac fulget purpura digna tui!...
Oh! quoties te, crudelis vertigine fati,
Sors, heu! insolito vortice dira quatit!...
Sed frustra cupit et frustra vult illa supernum
Debellare virum, prælia cuncta movens.
Vultque Salesia Gens nobis te munera dantem:
Fulget pergens grex Brasiliamque docens!...
Palmas contexant vobis mea carmina grata;
Rursus, *Io!* clamans, insonet alta cohors.

*

Nunc armento et Pastori, nunc plaudite, cives!...
Salve, lux splendens, omnibus alma dies!...

Nobilissimo Domino
Fideli de Stotzingen
Ordinis Sancti Benedicti Primati Abbati
Argenteas sui sacerdotii nuptias celebranti,
Mendesii de Aquilariis
O. S. B. Oblati Sæcularis
Salutatio.

Musa rogata mihi veteres heroas et urbes
Dicere, olympiacos vel cecinisse jocos,
Pastorum Arcadiæ modulantūm et arundine Musas,
Aut soleant Nymphæ quos celebrare choros,
Musa mihi contra: "Non! me nunc vindicat ille
Cui ridet argento clarior ista dies!
Lustraque, dande Deo, Abbati nam quinque ruēre
Quum sacrā cœpit *Munera* ferre manu".
Quare te mea musa, Abbas venerande, salutat,
Cui cingit sacras infula celsa comas.
Quem dextrā geris, in baculo signata potestas
Assiduè divini ut sit tibi cura gregis.
Quæ fluit ex humeris chlamydem clementia signat,
Veste sub augustā ut et tuearis oves.
En facile agnoscunt normam certam Ordinis almi
Quum certæ celebrant munera sancta tua.
Annulus in digitis fulget, qui nobilis auro
Primatis magnæ laudis et instar habet.
Annulus ipse *Fidem* croceo quoque denotat auro,
Unde tibi et nomen sicque *Fidelis* erit.

Nunc te Primatem cernit pia turba tuorum
Devoto ut populo fausta precēre tuo.
Non hic de Pario consurgent marmore templa;
Montibus at retinet quælibet ora domos.
Cordaque Brasilidūm, naturae consona nostræ,
Rustica sint quamvis, aurea pectus habet.

*

Sint tibi collecti flores, sint munera nostra,
Hæc eadem mittit *Brasilis* ora tibi.
Hæc eadem mittunt flores tibi, flumina, fontes,
Dulcisona et cantat quā *sabiensis* (*) avis.
Palmifera hæc tellus ea mittit verba salutis,
Verbaque quæ cecinit Musa salutis, habe!

(*) *Sabiensis* = sabiá (neol.)

Carmem Amœbæum

Corydon atque Thyrsis.

Corydon – Abbas Petrus Eggerath
Thyrsis – Archiabbas Josephus a Sta. Scholastica Faria
Judices – Monachi Congregationis Benedictinæ
Fluminis Januarii.

Proxima Juli post idus Aurora refulsit;
Aurea sunt cælo sidera visa duo.
Ad placidas, tectas argutis frondibus, undas
Pastores veniunt jungere verba modis.
Arcades accedunt Corydon et Thyrsis in unum;
Traditur Aoniis Astra docere sonis.
ET CERTAMEN ERAT, CORYDON CUM THYRSIDE, MAGNUM.
Versibus alternis concinuisse ferunt.

CORYDON

Tum Corydon: “Violæ faciunt cui nomina Stella,
Illa mihi semper, illa canenda mihi”.

THYRSIS

At Thyrsis: “Silices faciunt cui nomen et astrum,
Hoc mea præ cunctis præferat ore lyra”.

CORYDON

Hortus era clausus, violis erat undique septus;

Lilium et in mediis floribus Hortus habet.
Hortum sub vigili Dominus Custode reliquit,
Quem vocat officii nomine et ille sui.
Nam Violas *Ia* dixerunt et nomine Prisci,
Quæ cingit, Sepes, *Séph*que vocata fuit.
Custodis nomen (quoniam est ab origine linguæ)
Servantis Violas hinc *Iasepta* fuit.
Hinc JOSEPH, (Veterum suavissima gratia linguæ)
Dicitur angelica jam sonuisse lyra.
Arvaque non Arabum tanti, nec Ionia tanti:
Sed tanti Joseph, unus et ille fuit.

THYRSIS

Est honor et saxis; resonant nam saxa susurro
Tum placidi fontis, tum refluentis aquæ.
Saxa tenent montes, Heliconis et inclyta rupes;
Lucida perspicuo pumice currit aqua.
Saxa Domos firmant, saxis fundantur et urbes,
Marmore de Pario structaque Templa micant.
Inde suam Dominus Divinam condidit Arcem,
Ut non finitimo possit ab hoste capi.
Arcibus Ætheriis firmissima Petra locatur,
Cum Deus inquit. “Oves, o Petre, pasce meas!”
Non tanti est Orbis, nom ipsaque sidera tanti,
Una tamen tanti Petra locata fuit,
Unda fluit saxis, currit de rupibus unda,
Duraque stat rupes, duraque saxa manent.

CORYDON

Fractæ sunt rupes, Domino moriente, per Orbem;
Velaque fregerunt fractaque templa sua.
Quid tua durities prosit? si, Petre, requiram,
Fractam divina forte fatēre manu.
Nil violæ suavēre pati (nam semper odoræ)
Non est in violis cur habuisse queri.

THYRSIS

Quo tua durities? Vel quæ præstantior unda,
Quæ scatet a tenero lumine, Petre, tuo?
Duritiam silicum plorantia lumina Petri
Vincere gurgitibus jam didicēre suis.
Gloria non habuisse queri, at removere dolendi
Causam, crede mihi, gloria major erit.
Sustinet illa Domum cæli; quid Petra queratur
Non est, æternam sustinet illa Domum.

CORYDON

Isse Afros Puerum pallenti frigore Divum
Novimus, et gelidis ingemuisse plagis.
Nuda pedem gemuit Mater cum Prole per illas,
Et pressit gracili scrupea saxa pede.
Ultro nascuntur violæ quocumque feruntur
Lilia puniceis prodita mixta rosis.

THYRSIS

Isse Cruci Dominum pallentem sanguine celsæ,
Novimus et plagis ingemuisse cavis.
Congemuit Mater Divinæ sedula Proli,
Proque illa doluit non potuisse mori,
Sponte subire Crucem voluit quoque Petrus in illam,
Quæ Domino votis usque petita fuit.

CORYDON

Qui illuces terris, Roseus Pallantidos Ortus,
Aut mihi plus solito sparge colore rosas
Et violas; aut si id fieri non posse fateris,
Hic mea pendebit proh! lyra muta rosis!...

THYRSIS

Pastores, Summo Pastori dicite laudes,
Divinos mundo nam regit ille greges!...
Arcades, invidiæ in tribuenda laude ferendæ,
Per vos communis non tribuatur honor.
Non ultra placitum fecunda licentia vatum
Exire et timeat; laus erit ulla satis.

CORYDON

Pastores æstivo tempore protegit arbos;
Solibus æstivis protegit umbra greges.
At gregis Hic olim Dominum custodiat ipsum;
In grege nunc Dominum protegat ipse suo.

JUDICES

Dicteque de violis, violis formosior ipse,
Te nostræ cingant, casta corona, rosæ!...
Dicteque de petra petris pretiosor ipse,
Frange gregis precibus saxea corda tui!...

Amica verba

Brasilidi Studiosæ Pubertati

Amicitiæ pignus

BRÁSILI pubertas, oriens de gente Latina,
En patriæ gentis munera Pallas habet!
Cura sit et patrias mentem coluisse per artes;
Pectora mollescunt, asperitasque fugit.
Æmula naturæ, Latiæ facundia linguæ
Proditur Aoniis conseruisse choros.
Aspice Romuleum, genuit quem Mantua, vatem,
Pascua qui cecinit carmine, rura, duces.
Aspice Nasonem, Pelignæ gentis honorem,
Qui, dum stant montes, laus Heliconis erit.
Aspice, sæpe meas quàm mulcet Horatius aures
Et quid Castalio fonte creavit amor.
Sin tamen, argutæ placeant modulamina linguæ,
Carpe, puer, Latias cum Cicerone vias.
Sit dux demissum a magno Cui nomen Iulo,
Livius et Tacitus, cætera turba minor.
BRÁSILI pubes, quum tantis sis patribus orta,
Ne incipias atavis degener esse tuis.
BRASILIDIS vernans pulcherrima gratia Floræ,
Principio fructus incipe ferre pares.
Multa hic invenies Latii præcepta tulisse
Artibus ut possis non rudis esse meis.
Illustrat pueros vox ingeniosa magistri,
Cultè quòd discunt, ore loquente, loqui.
Instrue præceptis animum, nec discere cesses,

Tempus et assueta ponere in arte juvet.
Nam, sine doctrina, vita est quase mortis imago.
Incipiant pueris verba latina dari.
Inclyta, Romuleo de sanguine creta, juventus,
Fac laudes Italūm, fac tua fata legi.

Hahnemanio Vimaranes

Adaucto Professori

Petri II

Interna apud collegia,

Mendesii de Aquilariis

Amicitiæ Obsequium

Salve, quæ revocas roseas, Pallantias, horas,
Nobis per quas non gloria parva venit.
Hæc non Schola pro meritis offert tibi serta, *Hahnemani,*
Quem jam Brasilidūm tollit uterque polus.

*

Te cupit excellens Latiæ facundia linguæ,
Qua prior in terris non fuit ulla flagrans.
Te Latium quærit: venusina carminis arte
Proveniunt Latiā carmina digna lyrā.
Necque stylum excussit digitis scribentibus œstrum
Obscurum et tardum; sed nitidumque potens.
Te cupit Aonius Vertex, Parnassia Rupes,
Bis quinæ cupiunt Aonidesque Deæ.
Te cupit et mitis Tellus Erymanthidos Ursæ.
Quique illac placidas carmine mulcet oves.
Te cupit et Cyrrhae Dominus crinitus Apollo;
Te blandæ Charites dulcisonique chori.
Te ad citharæ cantus Nymphæ comitantur ovantes,
Agmen et aligerum caprigenumque pecus.

Et pius Æneas, fama super æthera notus[1],
Vir magnus bello, quum pietate status.

*

Jam modo, quo Latiæ celebraris munere linguæ,
Nata Jovis Virgo[2] nomen ad astra refert.
Nunc etiam verni terrir nascuntur honores;
Nunc liquidum fundunt gutture carmen aves.
Obsequere, Aurora et *Vimari*; comitantibus auris
Festivis, animi festaque verba refer;
Aurea ab Oceano surgens, vernante magistro,
In partem *Vimaris* Lætitiæque veni!

*

Lætaque Tironum plaudit tibi turba magistro,
Et, duce te, studiis tempora læta dabit.
Pectora nostra tenes dextrā modo, corda sinistrā;
Læta ligat Pallas nomina nostra tuo.

1. Vergilio, *Eneida*.
2. *Nata Jovis Virgo* – Minerva, Pallas.

Carmen Sæculare
Brasiliæ Almæ at Magnæ
Ad centesimum libertatem annum
Perductae,
Auctore
Ludovico Mendesio de Aquilariis
In Gymnasio Petri II Professore
Necnon Arcadium Academiæ
apud Romanos Pastore

I

Alma Regina, ó Genitrix Tonantis,
Cælitum pignus columenque mundi,
BRASILI genti pia quæ precamur
Annue vota!...

II

O dies felix celebranda nobis,
Qua, Petri voces IPIRANGA sumpsit;
Fluminis ripæ repetunt ad auras
BRASILIENSES!...

III

Quæque LIBERTAS Petrus inquit AUT MORS,
Verba adhuc clamat IPIRANGA flumen;
Sintque venturis memoranda grato
Pectore sæc'lis.

IV

Virgines Lectæ juvenesque puri,
Sæculo carmen celebrent peracto,
Luce bis Libræ superante nonas,
Juris adepti.

V

Nil mori dignum sinis, alma tellus,
Namque nil clarum pateris perire;
Posteris servas monumenta Regis
Condita fastis.

VI

Provehas, Mater, sobolem; Deique
Ne Patrum leges sacra jura turbent.
Quæ Dei Deus; teneatque jura
Quæ sua Cæsar.

VII

Jura nupturis super æqua cerne,
Audeat ne quis temerare partus;
Barbaros mores sobolis vetandæ
Rejice ab oris!...

VIII

Virgines serva puerosque castos,
Matribus pestem remove pudicis,
Ne toros sacra violent remissa
Lege marita!...

IX

Moribus noster populusque avitis,
Cæteris spretis, fere glorietur;
Posteris tradat memor exoriri
Gente latina;

X

Qua, Cato sanctos tenuisse mores,
Quaque Lucretiæ manus ulta probum,
Virgines quaque eripuisse vinc'lis
Clælia fertur;

XI

Qua, sua en Auctor rapit, ut pudori
Consulat natæ, sibi cariorem
– Liberæ si esset licitum ac pudicæ
Vivere – vitam;

XII

Dona, qua, Eois quasi parta ab Indis,
Mater ostendit pretiosa Gracchos;
Qua, Fides, Virtus, Pudor Urbi et Orbi
Jussa dedēre.

XIII

Qua Fides leges colimus sacratas,
Excidat nusquam; cohibe labores
Impiæ gentis; pede sub pudico
Contere monstra!...

XIV

Si quid at nostris minimeque juvit
Usibus cælum, remove benigna;
Grata centenos celebrare possint
Corda per annos!

XV

Dives armentūm segetumque tellus
Te piis votis cumulet Patronam;
Sintque fontani latices salubres
Mitis et aura

XVI

Indolem rectam docili Juventæ
Conferes, lassis senibus quietem,
Brasili genti sobolemque opesque
Nomen et amplum!...

XVII

Alma Crux, fulgens decus inter astra,
Quam vides terra nihil, Orbe, majus
Cuncta per totum valeant Olympum
Signa videre!...

XVIII

Aer et discat, animique nostri
Qui tulit sensus, geminare laudes;
Semper occurrant Brasili decoro
Carmina vatum!...

XIX

Nunc per excelsos properans triumphos,
BRASILIS fronti diadema ponit;
En salutatum veniuntque gentes
Finibus Orbis!...

NOTA - O presente *Carmem Sæculare*, feito por occasião do Centenário da Independencia, está traduzido: em portuguez, pelo Dr. Felicio dos Santos e pelo padre Dr. Felicio Magaldi; em castelhano, pelo Dr. Antenor Nascentes; em italiano e em grego, pelo padre Nino Minella; em francez, pelo Dr. Adrien Delpech; em inglez, pelo saudoso educador Dr. Alfred Aldridge; em allemão, pelo Dr. John Gœtz; em hollandez, por Dom Wilbrordo van Luiten, O. S. B.; em russo, pelo professor Alberto Childre e em esperanto, pelo pranteado Dr. Nuno Baena.

Carmina Laudis

Exmo. ac Revmo. Domino Justino de Sancta Anna,

Aucto Judici-Foris Primo Episcopo,

Auctore

Mendesio de Aquilariis

Praesul ó salve, Fidei Columna,
Tu sacri doni meritus charisma,
Gaude et, Antistes, quia tam decoro
Munere fulges!

Hæc dies cantu celebretur almo,
Quā tuos crines decorantque vitae,
Quā pedum dextrā geris, annulumque
Indice portas.

Ille qui mundi Moderator adstat,
Te sacrat pignus columenque Sedis;
Et gregem duces pius ad salutem,
Inclyte Pastor!

Quanta cælestis bonitatis aura
Ore Justini placidoque vultu!
Tramites turbis aditusque pande ad
Culmina Cæli.

Jam sines dici Pater atque Pastor
Judici-Foris grege nunc ovanti;
Facta Justini decorentque semper
Serta rosarum.

Carminis læti modulis canoris,
Præsulis laudes, celebres triumphos,
En nobis chordis placeat referre
Orbis ad auras.

En melos gratus moduletur hymnus,
Angelūm plausu citharisque cæli;
Gaudeat, nato quia adaucta tanto,
Terra Bahia!

Dicat et magnas oriens ruensque
Sol tuas pompas rutilasque palmas.
Semper occurrat memorare gesta
Flaminis aucti.

Semper et cinctus Procerum coronā
Vive, Justine, et grege gratulante!
Te per et longos venerentur annos,
Io, triumphe!

NOTA – Esta ode foi recitada após a sagração de D. Justino de Sant'Anna, 1.º bispo de Juiz de Fóra. O auctor, seu antigo professor, fôra paranympho na sagração.

Ad Cœnobiarcham

Exmo. ac. Revmo. Domno. Gerardo van Caloen O. S. B.

in Brasilia archiabbati

Pacis in templum, venerande præsul,
Te salutatum veniat libenter
Ille cui claram chlamydem dedisti
Ordinis almi.

En tuas miras celebrare laudes
Munus est gratum pariterque celsum;
Semper occurrant, modulanda chordis,
Carmina vati.

Quanta majestas placido est int ore,
Quanta Divinæ Pietatis aura!...
Hostis invisi pereantque tramæ,
Te vigilante.

Servet, adstantem monachis in arce,
Te per ætatem Benedictus amplam;
Gaudeant fratres quia tam decoro
Præsule tuti.

Semitas cæli radiosque pande
Lucis Æternæ pavidoque nautæ;
Dexterā gressus trepidantis urge,
Cœnobiarcha!

Exmo. ac. Remo. Domino

Petro Eggerath

Congregationis Benedictinæ Brasiliensis

Archiabbati

Venerationis obsequium.

En melos dulcis glomerantur imbres!
Siderum plausu, fidibusque cæli,
Carmen ardenter modulantur almum
Cœtus Olympi.

Jam novi, chordis liceat canoris,
Carminis certis modulis, referre
Præsulis laudem celebris ad auras
Brasilienses.

Lumen optatum monachis amandum
Sidus ó salve jubaris sereni!
Te per annosum Benedictus ævum
Servet amicè.

Nunc ad excelsos, monumenta magna
Gloriæ cernis, properans honores.
Munus est nobis celebrare laudes
Cœnobiarchæ.

Corde submisso, memorande Præsul,
Voce nunc laudum sine consonari.
Gesta Virtutis tua jam perornant
Serta rosarum.

Sol tuos miros oriens triumphos
Discat et labens rutilasque palmas.
Te videt pignus Columen Supernum
Urbis et orbis.

Per vias cæli globus it coruscus:
Semitas vitæ Benedictus offert,
Ut gregem ducas pius ad salutem,
Sedule Pastor!

Tramites monstra Monachis in arce
Ordinis grati Pietatis amplos,
Artis arcanum pueros docendo,
Inclyte Rector!

En, vigil plaudens tua gesta, Petre,
Præsulis confert capiti coronam
Cœtus Oblatūm, resonante colle,
Io! triumphe!...

Doctori

Quintino do Valle,

Petri Secundi

Interna apud Collegia

Linguæ Lusitanæ adaucto Professori,

Mendesii de Aquilariis,

Sapphicis metris,

Verba salutis.

Laurus, in bruma viridans, coronam
Luminis confert capiti decoro;
Bella dum luci lemures lacessant
Noctis in umbra.

En pharos fulget jubaris sereni,
Ædibus lucis, resonante plausu;
Gaudeat pubes quia tam micanti
Ducta lucerna.

Ille, quem mentem docuisse juvit,
Transeat metas, peregrinus audax.
Naufragi cursus, ubi nulla flamma
Fulget, inibunt.

Ore Quintini placidaque fronte
Quantus est fulgor bonitatis amplus!
Æstutat robur; tibi, te jubente,
Marcida florent.

Quæritans Magnam Sophiam perenne,
Conscius, victor, tenebras fugāsti;
Legibus doctis pueros docendo,
Lilia vernant.

Inclytus Præses tibi et instruendi,
Artibus, munus dederat juventam;
Jam, sono plectri, chorus æmuletur
Dicere carmen.

Per vias rectas opus atque firmans,
Semper et lucem sequitur vocantem;
Verba Quintini rutilis alumnos
Dotibus ornant.

Sis vigil custos gregis et magister,
Hujus augusti penetralis heros,
Semper hæc sedes tibi vult amicas
Pandere portas.

Semitas monstra pueris in arce
Qua fides Veri celebranda constat;
Usque et occurrant tibi detegenda
Dogmata lucis.

Mente submissa, venerande Doctor,
Voce tironum sine consonari!
Flaminis plausu moduletur hymnum
Grata juventus.

Carpe, Quintine, et properans triumphos
Nunc ad excelsos, rutilasque palmas!
Munus est turbæ celebrare laudes
Dulce docentis.

Irruant tetræ tenebrarum et arces,
Livida exlegum taceantque verba;
Sol per excelsos oriatur orbes,
Omnibus almus.

En melos dulcis, fidibus canoris,
Brasilis pubis comitentur hymni;
Gaudeant omnes quia victor adstas,
Sedule Rector!

O dies splendens, memoranda fastis,
Qua venis lucis remanere tectis;
Ære mansuro, modulis sonoris,
Fulgida vivat!

Teque, tironum moderator alme,
Pangimus vere!... tibi sint honores!...
Concinant cuncti, pueri et magistri,
Io triumphe!

CARMINA MODERNO MORE

Sebastiani Christi martyris

Tentamen sequentiæ.

Exmo. ac Revmo. Domino Sebastiano Leme

Archiepiscopo

Narbonensis miles fortis,
Salve, dux primæ cohortis,
Tu, devicto regno mortis,
Christi miles diceris.
Huic terræ, libertatis
Pignus es, lux claritatis.
Custos nostræ civitatis,
Immortalis coleris.

Per te malum esse inane
Erga nos, Sebastiane,
Spem habemus rite, sane,
Brásilis in Patria.
Quot sint gentes tibi caræ,
Dicant montes Guanabarae,
Quæ, ad pedes tuæ aræ,
Cæli petunt atria.

Lusi tunc navigatores
Adsunt en, Christi cultores,
Ad tellurem, inventores,
Portant Evangelium.

Servant hi plagas altrices,
Et heroum genitrices,
Legis Christi jam cultrices
Cœtibus Fidelium.

Venit quædam pars Gallorum,
Grex infida, sine morum
Regulis Christianorum,
Crucis Terram capere.
Blandis zephyris sonoras
Hostes diri petunt oras,
Et infensi rumpunt moras,
Cuncta volunt rapere.

Plagis Terræ Te CAPRALIAE,
Erant vota Portugalliæ,
Debellare manum Galliæ
Christi jussis invidam.
Ac sagittis, quas tulisti,
Gallos hostes subegisti,
Et avitis reddidisti
Oram Crucis fulgidam.

Esto pharos ad procellas,
Lumen fulgens inter stellas,
Aufer civibus querelas,
Ne nos clades verberet.
Tu, qui spectas Crucis Plaustrum,
Luce tegens Orbis claustrum,
Oras has, quæ sunt ad Austrum,
Fac ut Almum luminet.

Huic urbi, Tutor bone,
Ope tua, ó Patrone,
Conditæ, tempus in omne
Summa arce vigila.
At, si quondam possibilia
Mala rumpant in BRASILIA,
Audi murmura flebilia,
Succurrendis advola.

Quum exsurgat dies magna,
Sit gens nostra Christi agna,
Ne Averna clament stagna
Contra nos victoriam.
Trahe nos ad Aulas Lucis,
Dux, qui defers signa Ducis,
Natos Terræ Sanctæ Crucis,
As cælestem gloriam.

Hymno de Sta. Clara

(Musica de Fr. Pedro Sinzig. O. F. M.)

Ave, mater humilis,
Serva Crucifixi;
Clara, virgo nobilis
Nataque Francisci.
Ad cælestem gloriam
Fac nos proficisci.

(*Hymnarium Seraphicum*)

Lilium es pulcherrimum,
Et, per ampla mundi,
Refove miserrimum,
Gaudii fons jucundi;
Bellum dele asperrimum
Tartari profundi.

Decus Franciscalium
Solio constellato;
Rosaque convallium
Lumine beato;
Sacra lux sodalium
Cœtu in candidato.

Clara, sponsa Domini,
Gregem fac Minorum
Tuo offerre nomini
Carmen perdecorum;
Sitque semper homini
Sors, per te, justorum.

Cæli in celsitudine,
Mater blandiosa,
Tua in pulchritudine
Sana omnia damnosa;
Nosque beatitudine
Perfrui da gaudiosa.

Deo Patri gloria
Detur sempiterna;
Eadem victoria
Nato sit superna;
Flaminis memoria
Maneat æviterna.

Ad Summum Pontificem

Carmen Innovatum

Tu es Petrus et super hanc petram
Meam pius Ecclesiam fundabo;
Tibi, æquanti discordiam tum tetram,
Claves cæli munificus dabo.

Arctois de partibus ad Austrum
Fides una superet.
Ecclesia, sublime Crucis plaustrum,
Vivat! regnet! imperet!

Verba Christi per sæcula multa
Lumen fundunt vitale inter gentes;
Mare transeunt post tempora adulta
Ut ditentur brasilicæ mentes.

Dux Ecclesiæ, extra quam nulla salus,
Urbi et orbi es mirificus rex;
Infidelium non arces, non vallus,
Ubi exultat Christiadūm grex.

Salve custos Christicolūm gregis,
Sacræ navis fidelis magister;
Tutor vigil tutissimæ legis,
Dei Superni es supernus minister.

Summe Pastor qui tenebras teris,
Ac tergemina effulges corona;
Ave, Pie, qui Dei vices geris,
Audi pie Brasilidūm dona.

Angelus

Moderna Poesis

Supera hebescunt nebuloso velo,
Ætheros atria, hyperborei montes;
Pallescit umbra dealbata cælo,
Pingit albore Vesper horizontes.
Surgit in polum salutatio pia:
"Ave Maria!"

Tenebræ cadunt per conserta arboribus,
Tepentem nidum mœstæ quærunt aves,
Focis parantur avidis messoribus
Insontis natæ illecebræ suaves.
Surgit in arva salutatio pia:
"Ave Maria!"

Vagitque ventus super undas cærulas,
Threnos emittunt aquæ singultantes;
Salsoque in mari cantiones querulas
Dicunt Hellenæ fratres scintillantes.
Surgit in mare salutatio pia:
"Ave Maria!"

As Ave-Marias (*)

(*Traducção portugueza de João Ribeiro*)

Vestibulos do céo, desapparecem
Cheios de nevoa os hyperboreos montes.
Logo as sombras do céo empallidecem;
Vesper branqueia os longos horizontes.
Passa uma voz no céo, passa erradia:
"Ave Maria!"

Ao denso bosque as trévas já desceram,
Buscam as aves o calor dos ninhos;
No lar, ao ceifador sedento esperam
Das criancinhas os timidos carinhos.
Na terra a mesma vóz passa erradia:
"Ave Maria!"

Sobre as ondas azues o vento chora
Na elegia das vagas soluçantes.
Desce dos ares o queixume agora
Dos Dioscúros tremulos brilhantes.
A mesma vóz no mar passa erradia:
"Ave Maria!"

(*) – Esta formosissima traducção, com que o Dr. João Ribeiro honrou o auctor do original latino, é para aqui trasladada em mira a que possam aprecial-a os que lhe admiram o incontestavel talento e competencia. – M. A.

Ioanni Gualberto

Sacerdoti Fideique Magistro.

Salve, sublimis dos Christiadūm Brasiliæ,
Prophetarumque vox, quæ, placidā vigiliæ
Nocturnæ luce, proh! consurgis hilarata!...
Tu, impiorum cor peramanterque rapiens,
Sacerdos venerande, etiamque orator sapiens,
In templo sancto Dei, corda habes tibi grata.

Iam fata acclamavēre in orbe ac intermundiis,
Te, vagientem verò a primulis crepundiis,
Insigne antemurale Ecclesiæ Militantis.
Refulgens quasi sol perlustrans firmamentum.
Infirmæ præbens menti almumque incitamentum,
Fuit veritas exorta ab ore prædicantis...

Te populos docente, en evertuntut schismata.
Sereno cælo lapsa aspicimus charismata,
Fides surgit incensa in Lampade Romulēa
Æterna habebis dona in sede gratiarum,
Pro, te depræliante, excidio tenebrarum,
Tenebrarumque regna evertis voce herculea.

Labia ministri Dei scientiam custodire
Iamdudum scimus nos; sed iuvat exaudire
Te, sanatricem vim in morsibus curarum.
Sublimia tua verba incandescentia amore
Eruntque infigenda, a celte firmiore,
In montibus Brasiliæ, in cespite palmarum!...

HYMNO DO COLLEGIO SION

Columbarum jam lustrat in alis
Nostra, cæli curvamina, gens;
Doctrinæque, Virtutis sodalis,
Nos inflammet, in lumine, mens.

Collaudemus, celebremus
Miris Patriam cantibus;
Est ad Austrum Crucis Plaustrum
Stellis pererrantibus!...

Congregatis Scientiæ ad altaria,
Laureā nobis præcingitur frons;
Nos nunc laudent cælique alta maria,
Clara vallis et herbidus mons.

Mentes nostræ sint luminis plenæ,
Tenebrosis æterna sit mors;
Omnes ævum ducamus serenæ,
Sapientium nos protegat sors.

Salve, Rectrix, materque magistra
In Brasiliā ubi irradiat Crux,
Disciplinæ et affectus ministra
Cœtu in nostro ex quo fluit aurea lux!

HYMNO DO COLLEGIO ALFREDO GOMES
MODERNUM CARMEN

Arcanorum Scientiæ consortes,
Quasi sol renidentes diei,
Studiorum in cultibus fortes,
Sumus spes novæ progeniei.

Pro bono præliantes litterarum
In Brasilea Patria,
Imperia deleamus tenebrarum
Luminis ad atria.

Laureati ascendamus in montes
Ad splendorem quem colimus nunc,
Patrius celat nidusque horizontes
Euge, læti, honoremus et hunc!

Ad vexilla fluitantia aggregatis,
Disciplina omnibusque sit dux;
Militarium in acie ordinatis.
Firma virtus nobisque alma lux.

Fronti nostræ apponatur corona,
Mirus fulgeat in montibus grex;
Sintque nobis pulcherrima bona
Deus, Patria, Scientia atque Lex.

Rector noster simulque magistri,
Doctrinisque erudite omnes nos;
Sacerdotes, Scientiæ ministri,
Nostra ad templa regalia estis vos.

FLORUM INSULA

Florum insula, umbrifera, serena,
Gratissima quiescis inter montes
Guanabaræ, et inumbrans horizontes
Quasi Hebræorum Chanaan peramœna!...

Florum Insula!... arvorum cantilena,
Hospites fovet curarumque insontes;
Murmurillantes et aquarum fontes
Naturam laudant, alitumque avena.

Non amplius pavens thesaurosque abscondes,
Threnos emittunt arborumque frondes,
Pomaria crescunt circum stagna aquarum...

Migrante luna per convexa ætherea,
Immigrantium dolentia desideria,
Auraque sonat pia vox palmarum...

Omnia nos uniunt, nihil nos separat.

Carmen innovatum.

Præclara de corona aurata Hesperiarum,
Hujus sæculi verò ineunte ætate annorum,
Respublica Argentina exorta, orbi terrarum
Pretiosior gemma fuit, ut proles Iberorum.

Albo in cæruleo signo (ut solet firmamentum
Stellato cingi pallio) est igneus sol diei;
Flammiferum charisma ævique incitamentum
Argentinorum navi est pharos almæ spei.

Brasiliæ soror cara, orbisque antemuralibus,
Est tellus Argentina in patria americana.
Terras alitque sol luminibus æqualibus,
Phœbique radius it per clivos ac per plana.

Est aquila Brasiliæ astrorum valdè plena,
Et astrum alter sol illustrans horizontes.
Jungantur ac vexilla, afflante aura serena,
Nec astrum fugat astra effulgens super montes.

Signa pergitque sol duodecim Zodiaco;
Jam libra super nos æquatque horas dierum.
Sunt sidera splendentia in domate olympiaco,
Brasilia et Argentina ad incrementa rerum.

VATUM CELEBRIUM CARMINA QUÆDAM AD ROMANUM IDIOMA, METRO MODERNO, TRANSLATA

O QUE NÃO PASSA

(*Original de Jonathas Serrano*)

O ouro offuscou-me os olhos. Procurei-o,
Crendo que emfim o coração saciara.
Com elle apenas nova dôr me veio.
A aurea poeira os dedos me crestara.

Busquei da gloria repousar no seio.
Noite de insomnia aquella que eu julgára
De encanto e de prazer. Magua e receio
A receios e maguas ajuntara.

E vendo tudo que julgára fixo
Vaccilante, e desfeitos em fumaça
Ouro, fama, prazeres e illusão,

Ouvi então a voz do Crucifixo:
– Ama-me: eu sou Aquelle que não passa,
Eu sou Misericordia, eu sou Perdão.

NON DISCEDENS

(*Latina versio*)

Aurum quæsivi mea offuscans lumina,
Dum funditur credebam cor satiare
Sed aurum mihi pœnarum fuit acumina,
Ac meos valuitque digitos cremare.

Postea tentavi Gloriæ arare flumina.
Insomniæ nox, quam, volui judicare,
Deliciarum mihi portantem numina.
Pœnis oportuit mihi pœnam jugare.

Quum omne, quod putabam fixum, nōssem
Vacillans, cur in nebulam recedit
Aurum, fama, voluptas et amentia,

Tum verò Crucifixi audivi vocem:
– Dilige me: sum Is qui non discedit,
Misericordia sum ac Indulgentia.

MÃE

(*Original de Leoncio Corrêa*)

Mãe! minha mãe! na augusta claridade
Dos olhos teus tranquillos e radiosos
Ri-se Deus; e, si Deus não rir, quem ha de
Rir, ó Santa, por olhos tão piedosos?

Como as estrellas pela immensidade,
Desenrolam-se nelles dons formosos
Dessa alma: e os vejo, mãe, com que saudade!
Com que sabor de beijos lacrimosos!

Tu, que a vida me dando, mãe, me déste
Parte da tua e o teu amor que enlaça
Meu sêr, como uma faixa azul celeste;

Sei que darias, com um sorriso doce,
Para salvar teu filho da desgraça,
A propria vida, si preciso fôsse...

MATER

(*Latina versio*)

O genitrix! o cor flagrans amore!
Tui oculorum luce peramœnā,
Quis, nisi Deus, o deitas serena,
Suo ridebit mystico splendore?

Quasi stellæ cælorum in livore,
Animæ tuæ dona gratiæ plena
Illis funduntur: id in cantilenā
Osculi mei video ac in mœrore!

Mihi vitam te ferente, parens bona,
Est ingens amor tuus cærulea zona
Quæ totum me involvit in blanditiā;

Amorem scio, mater, tuum mirandum,
Te, vitam, ad me malo liberandum,
Renidentem exsolvere in laetitiā...

O SONHO DOS SONHOS

(*Original de Mucio Teixeira*)

Quanto mais lanço as vistas ao passado
Mais sinto ter passado distrahido,
Por tanto bem tão mal comprehendido
Por tanto mal tão bem recompensado!

Em vão relanço o meu olhar cançado
Pelo sombrio espaço percorrido;
Andei tanto em tão pouco... e já perdido
Vejo tudo o que vi sem ter olhado!

E assim prosigo sempre audaz e errante,
Vendo o que mais procuro mais distante,
Sem ter nada de tudo quanto tive!

Quanto mais lanço os olhos ao passado,
Mais julgo a vida um sonho mal sonhado
De quem nem sonha que a sonhar se vive!

SOMNIORUM SOMNIUM

(*Latina versio*)

Quoties convertam lumina ad præterita,
Toties transiisse me sentio obumbratum,
Propter malum tam benè compensatum,
Propter diffusa inæstinama merita!

Ævi spatium contemplor jam peractum,
Labor vanus, incassum, cura immerita;
Brevi longa lustravi... jam interita
Omnia, mihi visa, video; opus ingratum!

Sors adire me urget omnia audentem,
Procul a me, quæ peto, aspicientem,
Hodie, quæ habui, non habentem omnia!

Quoties convertam lumina ad præterita,
Toties credo esse vitam somnia immerita
Somniantis non esse vitam somnia!

ILLUSÕES

(*Original de Medeiros e Albuquerque*)

Velas fugindo pelo mar em fóra...
Velas... pontos – depois... depois, vasia
A curva azul do mar onde, sonora,
Canta do vento a triste psalmodia...

Partem pandas e brancas... Vem a aurora
E vem a noite após, muda e sombria...
E, si em porto distante a frota ancora,
É p'ra partir de novo em outro dia...

Assim as Illusões. Chegam, garbosas,
Palpitam sonhos, desabrocham rosas
Na esteira azul das peregrinas frotas...

Chegam... Ancoram n'alma um só momento:
Logo, as velas abrindo, amplas, ao vento,
Fogem p'ra longes solidões remotas...

VANA

(*Latina versio*)

Aura panduntur vela fugientia...
Deinde... in unda maris nigra sphærula...
Demum pervacuum – resonante querula
Udo favonio carmina dolentia...

Vela turgida vadunt... In tenerula
Luce, diei brumalis refulgentia
Surgit ac nox; – si in portum venientia,
Crastino ligna sole arantque cærula...

Item mentis imagines mendaces.
Somnia vana et spes lætæ, fugaces,
Sulcum sequuntur navium pererrantium...

Corda visuntque temporis momento:
Rursus panduntur vela inflata vento,
Et oras petunt littorum distantium...

PALAVRAS DE UM CERTO MORTO

(*Original de Anthero de Quental*)

Ha mil annos, e mais, que aqui estou morto,
Posto sobre um rochedo á chuva e ao vento:
Não ha como eu espectro macilento,
Nem mais disforme que eu nenhum aborto...

Só o espírito vive; vela absorto
Num fixo inexoravel pensamento:
"Morto, enterrado em vida!" o meu tormento
É isto só... do resto não me importo...

Que vivi sei-o eu bem... mas foi um dia,
Um dia só – no outro a Idolatria
Deu-me um altar e um culto... ai, adoraram-me

Como si eu fosse *alguem*! como si a Vida
Pudesse ser *alguem*! – logo em seguida
Disseram que era um Deus... e amortalharam-me.

MORTUI CUJUSDAM VERBA

(*Latina versio*)

Ultra annos mille, maneo huc emortuus,
Me, rupe in celsa, feriunt imbres, ventus:
Non me horridior genius macilentus,
Nec me deformior ullus est abortus...

Solus animus vivit: et adortus
Fixum consilium, vigilatque intentus:
"Mortuus vitā sepultus!" atque lentus
Meus id est dolor tantum... pœnā exortus...

Etenim scio me transiisse Viam
Lucis unius spatio; inde Latriam
Mihi solemnia dicavisse altaria,

Tanquam si *quisquis* essem! vel si Vita
Quisquis esse potuerit! – Deum ita
Me confitentes ferunt ad sudaria.

NOTA – O soneto *supra* está traduzido em quasi todas as linguas européas; a traducção latina, que aqui vae, é a unica no genero conhecida; aqui a damos como uma curiosidade, podendo ser juntada ás demais conhecidas em linguas diversas.

NUVENS

(*Original de Raul Maranhão*)

Nuvens que andaes tangidas pelo vento
Na vastidão dos céos triste e azulada,
Vós me lembraes um grande pensamento
No craneo azul da esphera constellada.

Nuvens tinctas de negro e de cinzento,
Toldando o olhar da lua desmaiada,
E enchendo o casto azul do firmamento
De uma tristeza vaga e illimitada.

Nuvens dolentes que passaes em bando,
Cadenciadas e mysteriosas...
Como eu quizera ir pelos céos voando,

Ser assim como vós, nuvens sombrias,
Manchas errantes e silenciosas,
Golfadas negras de fumaças frias!...

NUBES

(*Latina versio*)

Vos quæ ambulatis, nubes, pulsæ vento,
Ætherosque in curvamina adumbrata,
Magna sententia estis velamento
Vestro, cælorum in fronte constellata.

Nigro indutæque cærulo atramento,
Luce velatis lunam dealbata;
Dubia, repletis, sparsæ in firmamento,
Cælum, tristitia valde interminata.

Fida in mensura, mysterioso velo,
Nubes dolentes pervagantes cælo,
Adire, tanquam vos, iter splendoris,

Cupidus vellem!... maculæ adumbratæ,
Convexa perlustrantes, modulatæ,
Umbræ cærulæ algidi vaporis...

SOLUS (*)

(*Latina versio*)

Nigrescunt inter cærula spumantia,
Undarumque fragore ingemiscentia,
Quædam prærupta saxa reticentia
In brumosis persæpe latitantia;

Quando verò sunt æthera tonantia,
Ac nubila jam rupes vestientia,
Voces sonant aut carmina dolentia
Desideria et angores proclamantia;

Olim, quum rupes illæ surrexēre,
Læta proscenia homnibus fuēre,
Ut insulæ aut fortasse continentes;

Quasi rupes immota vitæ in fluctibus,
Mersus nunc audio, profundisque luctibus,
Vix desiderii voces condolentes.

(*) – Versão latina de um soneto portuguez, cujo original foi extraviado. É seu auctor o Dr. M. de Béthencourt, fallecido.

NADA

(*Original de Joaquim Nabuco*)

Tudo é nada no mundo, o nada é tudo,
Porque tudo do nada foi tirado!
Porque no nada tudo é transformado,
E ao nada volverá num dia tudo!

Deus do nada com um gesto tirou tudo,
Pois do nada o universo foi tirado!
E num dia no nada transformado,
Deixará de existir! e assim vae tudo.

Só nossa alma persiste; e Deus Eterno,
Cuja essencia é de si mesmo increada,
Por ser um sêr divino, – Ente Superno!

Na potencia do mundo agigantada,
Nesta terra, nos céos, no proprio inferno,
Sómente uma palavra eu leio: – "Nada".

NIHIL

(*Latina versio*)

Omnia nihil, hoc in orbe, nihilque omnia,
Quia de nihilo fuit omne creatum!
Et in nihil omne verò transmutatum,
Ac in nihil revertentur tandem omnia!

Deus in *fiat* e nihilo prompsit omnia,
Quum de nihil universum fuit creatum!
Tandem verò ac in nihilum transmutatum,
Dilabetur! simulque et erunt omnia.

Sola mens permanebit; Ens Supernum,
Deum credimus esse sempiternum,
Quòd, in essentiā verò Ens Increatum!

In orbis potestate, in intermundiis,
In terrā, in firmamento ac in profundis,
“Nihil!” tantùmmodò lego præsignatum.

UM VELHINHO DAS LENDAS JAPONEZAS

(*Original de Henrique de Casaes*)

I

Rezam antigas lendas japonezas
Que um velhinho de plagas mysteriosas
Fazia reflorirem mortas rosas
E arvoredos daquellas redondezas.

Tinha para amarguras e tristezas
Medicinas subtis, maravilhosas;
Mesmo de longe, curas portentosas
Fizera em almas de agonia prezas.

O mais fundo pesar, a mais sombria
Dôr, transformava em limpida alegria,
O velhinho das lendas japonezas,

Que fazia florirem mortas rosas
E tinha medicinas mysteriosas
Para curar pesares e tristezas.

II

Lendo acaso vetustos alfarrabios,
Senhora descobri esse divino
Remedio que ao pesar o mais ferino
Desfaz os amargores e resabios.

Fidalgos e plebeus, nescios e sabios
Por certo invejariam meu destino,
Si soubessem que eu tenho o peregrino
Filtro que alegra corações e labios.

Quando vos torturar o amargo tedio,
Senhora, dar-vos-ei desse remedio
Do velhinho das lendas japonezas

Que fazia florirem mortas rosas
E tinha medicinas mysteriosas
Para curar pesares e tristezas.

SENEX JAPONESIUM LEGENDARUM

(*Latina versio*)

I

Sunt voces japonesium legendarum
Senem, de plagis ortum latebrosis,
Mortuis nitorem revocare rosis,
Arboribusque partium vicinarum.

Sanabat ille vim mœstitiarum
Medicinis philtrisque generosis;
Procul etiam, velatus in umbrosis,
Mala de sinu prompsit animarum.

Dolor profundus, intima tristitia
Subito mutabantur in lætitia.
A sene japonesium legendarum,

Mortuis nitorem revocante rosis,
Medicinis philtrisque generosis
Procul sanante vim mœstitiarum.

II

Quum papyros legissem antiquorum,
Almum, domina, inveni medicamen
Quod, ingens ineffabile solamen,
Propinat ægrotanti ex vi mœrorum.

Omne genus ac species humanorum
Durum ferebant erga me certamen,
Dum me scirent habere moderamen
Arcebitatum cordium, labiorum.

Te, si premunt angores atque tædium,
Tibi, domina, deferam remedium
Tum senis japonesium legendarum,

Mortuis nitorem revocantis rosis,
Medicinis philtrisque generosis
Procul sanantis vim mœstitiarum.

OUVIR ESTRELLAS

(*Original de Olavo Bilac*)

Ora, direis, ouvir estrellas!... Certo
Perdeste o senso; e eu vos direi, no emtanto,
Que para ouvil-as muita vez desperto
E abro as janellas pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, emquanto
A Via Lactea como um pallio aberto
Scintilla; e, ao vir do sol, saudoso e em pranto
Inda as procuro pelo céo deserto...

Direis agora: – tresloucado amigo,
Que conversas com ellas? Que sentido
Tem o que dizem quando estão comtigo?...

E eu vos direi: – amae para entendêl-as,
Pois só quem ama póde ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas...

AUDIRE STELLAS

(*Latina versio*)

Euge, dicetur, stellas exaudire!...
Certe effrenata te movet amentia;
Ut audiam verò lumina pallentia,
E lectulo mihi gratum prosilire...

Me lubet in fenestras advenire,
Ut astra Viæ Lacteæ colloquentia
Exaudiam; quando solis refulgentia
Scintillat, astra vellem invenire!...

Dicetur nunc: – O mens exagitata!
Quid aiunt enim sidera argentata?
Quare sensum eorum nosque celas?

Oportet, palam dicam, vos amare!...
Solum amanti datum est portare
Aures audiendi, intelligendi stellas!...

SABOR DAS LAGRIMAS

(*Original de Alberto de Oliveira*)

A bella grega Hermé que vae captiva
Não chora não; mas, seu olhar revêde:
Vereis que d'elle amor brota e deriva,
Amor que a prende na ineffavel rêde.

Quando o deserto vem e a vista o mede
Tão grande! Hermé que á voz dos mais se esquiva:
Dá-me tu de beber, que eu tenho sêde,
Diz ao que perto tem, que amor lhe aviva.

Filho da mesma terra o prisioneiro
Bello como ella, em torno olha o caminho,
Agua não vê, mas chora; e o derradeiro

Pranto dá-lhe a beber nas mãos tomado;
E ella ao sorvel-o: – Inda é melhor que o vinho,
Bebido em grego cyatho dourado!

LACRIMARUM GUSTUS

(*Latina versio*)

Peragrans Hermes speciosa argiva
Captivitatis iter, lacrimantia
Non ducit ora; sed, illa captiva
Volvit amorem lumina flammantia.

Per deserta horizontes adumbrantia,
Longinqua, ardens siti inquit achiva:
Lympham præbe, ut pectora æstuantia
Leniam, ei qui, ebriatus facie diva,

Nunc comes est in via amaritudinis.
Graius ut illa, plenus pulchritudinis,
Iter spectat; et, arido explorato,

Manibus flet ac fletus datque rorem.
Illa in sorbendo lacrimæ liquorem:
“Est melior vino in cyatho exaurato!”...

PREFACIO

(*Original de Silva Marques*)

Abrindo a urna destas monodias,
Dirás: é falso, não soffreste tanto;
Cantando sempre assim como podias
Trazer os olhos humidos de pranto?...

Ouvindo aquillo eu te diria: o canto
Nem sempre é o pomo dos felizes dias;
Antes o tenho como um oleo santo
Contra os assaltos das melancholias...

Por isso, em tua ausencia meditando,
Procurei, nessa longa trajectoria,
Magoas e dôres cultivar cantando...

Hoje que com teu beijo me confortas,
Abre este livro; e saberás a historia
De enxutos prantos e saudades mortas...

PRFÆATIO

(*Latina versio*)

Monodiarum adaperta urnā
Non credo, dices, te tulisse in tantum
Ut ora, te canente, diuturna
Carmina mœstum perstillarent planctum...

Tibi autem respondebo esse cantum
Non lætitiæ diurna seu nocturna
Aurea poma; sed almum oleum sanctum
Contra martyria mentium taciturna...

Ideoque, te absente, atros dolores
Lenire, amaritudinum rigores,
Blanda tentavi in cantione ætherea...

Et hodie, osculi mei in harmonia,
Lege hunc librum; est ille litania
Recolens fletus, mortua desideria...

VIA DOLOROSA

(*Original de Hemeterio dos Santos*)

Para galgar a estrada tortuosa
Que vem do berço ao fim da vida breve,
Eu sinto que me falta a côr de neve
Da rosea tua face setinosa.

O destino inclemente por nodosa
Aspera linha a vida me descreve;
Mas tu só, branco amor, tu pódes leve
Tornar-me a falsa culpa deleitosa.

Depois de tanto soffrimento duro
E dos vae-vens de um pelago de abrolhos,
Pela falhada luz do rosto escuro,

Dos bons e máus eu lastimado ser,
Volve-me tu, benigna, os pios olhos
E me acompanha neste atroz viver!...

DOLOROSA VIA

(*Latina versio*)

Ut ævi pergam iter flexuosum
De cunis ad interminum soporem,
Niveum deesse mihi sentio colorem
Tuum adornantem vultum speciosum.

Per mændricum, fata, sinuosum
Lineamentum, ætatis mihi rigorem
Ostendunt; ac immeritum errorem
Efficies, nivens amor, jubilosum.

Post tædia cruciantia angustiarum
Atque syrtes in mari tenebrarum,
Propter aspectus mei turbidam lucem.

Humanis derelictum in via asperrima,
Super me volvens lumina pulcherrima,
Mihi comes esto; sustinebo crucem!...

LACRIMAE

(*Original de Floriano Brito*)

De repente sentiu, qual si tivesse nalma
Um crisol em que a dôr se fundisse em doçura,
Que do proprio desvario e da propria tortura
Nascia um bem estar de conforto e de calma.

Chorava. E, quando viu a lagrima na palma
Da mão, olhou para o céo: em toda a curvatura
Só brilhava o azul. Donde vinha a frescura,
Que elle tem dentro em si, que o anima e o ensalma?

De si mesmo? Elle, então, que fizéra da magua
Estas gotas de pranto, estas perolas de agua,
Que lhe haviam curado as afflicções insanas;

Não pudéra, talvez, procriar outro mundo?
E na Terra cahiu, como um germen fecundo,
A semente fatal das lagrimas humanas.

LACRIMÆ

(*Latina versio*)

Subitò sensit vir, tanquam si mente haberet
Igneum catinum quo liquatur suavitate
Dolor, suā ex insaniā et pœnæ acerbitate
Solatium verò nasci, ut pace ille maneret.

Plorabat autem vir!... quum lacrimam videret
Palma labentem, proh! cæruleā in claritate,
Cælos aspexit en... Unde in amœnitate,
Levamen quod in se visceribus adhæret?

A semetipso tunc? Ille, qui de mœrore
Ploratus stillas has, præfulgidas livore,
Hanc sanatricem vim confecerat curarum,

Nonne poterat, heu! alium creare mundum?...
In Terram tandem ruit, quasi germen fecundum,
Humanarum fatale ac semen lacrimarum.

A VIOLA

(*Original de Sylvio Romero*)

Quanto eu te amava, oh! rustico instrumento!
Tu que as maguas, as dores allivias
Da sertaneja, em mansas melodias,
Inda hoje me vens ao pensamento!...

Puro e bom despertava o sentimento,
A alma doirando, como doira os dias
O sol – nosso conviva – e tu vertias
Teu gemidos subtis todos ao vento!...

Companheira querida das matutas,
Confidente fiel de seus desejos,
De seus sonhos de amor, serenas luctas,

Como és bôa da roça nos festejos,
Quando as morenas garrulas, astutas,
Afinam pela *prima* o som dos beijos!...

VIDULA (*)

(*Latina versio*)

Quam mihi placebas, rusticum instrumentum!
Dulce lenimen temperans dolores
Rusticanæ puellæ ejusque angores,
Adhuc me premit tuum modulamentum!...

Placidi affectus almum incitamentum
Menti præbebas lucidos fulgores,
Quasi sol dies gerens clariores,
Vento credebas languidum lamentum!...

Montanarum sodalis puellarum,
Earum consors desideriorum,
Pugnæque amoris muti in voce aurarum,

Quomodo oblectas, heu! ludos agrorum,
Quando per *primam* comparant chordarum
Lætæ fusculæ sonum osculorum!...

(*) – Os Romanos não conheceram a *viola*; o nome *vidula*, e ainda *vitula* com esta significação, é da média ou melhor da infima latinidade.

SAPHO

(*Original do Barão de Paranapiacaba*)

Rasga o sol a neblina, estruge o mar na fraga.
Sapho, immergindo o olhar no abysmo de Leucate,
Preme na arca do peito o coração, que bate,
Qual de encontro ao rochedo a marulhosa vaga.

"Ai! (gemia). Este incendio em mim jamais se apaga.
Eros mantel-o quer. É culpa sem resgate
Despresares, Phaon, amor deste quilate,
Dando-lhe ingratidão e menospreço em paga.

Só p'ra ti quiz ceifar da eterna gloria a palma.
Como as pedras moveo da lyra amphionia o som,
Julguei mover, cantando, a rocha de tua alma.

Debalde! Indo rogar asylo a Poseidon,
Que os éstos da paixão em seu remanso acalma,
Soluçarei, morrendo: – "Adoro-te Phaon!"

SAPPHO

(*Latina versio*)

Rumpit jam nimbos sol, saxis fremuntque cærula.
Leucatæ mirans Sappho abyssos ac profunda,
Velutque exagiata in cavis gemit unda,
Pulsans repressit cor, sinus in pulchrā sphærulā.

“Vorans – sic Eros vult – (gemebat illa querula)
Me rapit effrenata heu! flamma furibunda.
Phaōn! reus eris culpæ in mente it iracundā
Si amoris linquas mei ligamina tenerula!...

En solum propter te Musarum volui dona.
Ut lapides movēre amphioniæ lyræ sona,
Tuam tentavi proh! cantans movere mentem.

Heu! frustra!... salsum jam rogo Neptuno asylum,
Quod æstum cordis mei perficiat tranquillum,
Adoro te, Phaōn!... me morte audies gementem”.

MAGDALENA

(*Original de João Ribeiro*)

"Vós que passaes, ó turba renegada,
Olhae-me bem, dizei-me, vós senhores,
Si acaso tendes visto em vossa estrada
Dôr que de longe lembre as minhas dôres.

"Cégos que sois e estupidos! as flores
Dizem-me ao vêr: – lá vae a desgraçada –
Eil-la, a mesquinha! – a vaga diz, lavores
De lenço abrindo, em terra ajoelhada.

"Ide-vos, pois, eterna, indifferente,
Vós me cuspis na fronte a injuria, o insulto,
Sem reparardes, crua e extranha gente,

"Que entre aromas a flôr me fala, e exulto
Ao vêr que a propria vaga penitente
Dobra os joelhos me prestando culto".

MAGDALENA

(*Latina versio*)

“Vos omnes, turba invisa, qui transitis
Per viam, eia! attendite et videte
Si dolor adest ullus lacessitis
Ut dolor meus, oh viri! respondete!

“Quam amentes, ignari estis! nescitis
Flores, me visā, dicere: dolete! –
En miserrima! – expansa ait unda mitis
Terram genibus missa, dulci quiete.

“Itaque, perge, æternā in negligentiā,
Meam in frontem conspuis maledicta,
Gens cruda, extranea! nescis in amentiā

“Mihi redolentem florem dare dicta;
Lætaque video ut unda in pœnitentiā
Me prona tuetur cultibusque addicta.

AS ANDORINHAS

(*Quadras de Manoel dos Passos*)

Donde ellas vêm? de tão tão longe...
E os bandos alviçareiros
Desfiam risos argenteos
E cheios de agrestes cheiros.

Tantas terras visitaram!
Em toda parte queridas,
Nobres ruinas buscaram
Ou miseraveis guaridas.

Vêm das partes do Occidente
Que é o paiz das saudades,
Á hora em que o sol dormente
Roxeia as immensidades.

E vêm de lá do Levante
Com as brisas, com as primaveras,
Vêm do deserto abrasante,
Dos gelos ou das crateras.

Ah! vêm de mundos ignotos,
– Alegres e joviaes –
Onde fulguram remotos
Afagados ideaes...

Ó aves cosmopolitas,
Como vós, as illusões
Que partem puras, bonitas,
Não volvem aos corações.

Para cantar minhas penas,
Aladas estrophes minhas,
Agitae as debeis pennas,
Ide como as andorinhas!

HIRUNDINES

(*Latina versio*)

Unde venēre? – e longinquo...
Scindunt hirundines cælos,
Jucundæ, murmurillantes
Æstivale dulce melos.

Quantasne visēre plagas!
Hinc et inde redamatæ,
Sunt illis nidum tuguria,
Cava turris populatæ.

Desiderii regione,
Ex Occasu consurgentes,
Radiante sole amethysti
Per colles vesperascentes.

Orientis ex desertis,
Anni verna tempestate,
Phœbeio languentes æstu,
Glaciali asperitate.

Ignotis orbibus veniunt,
Hilaratæ, jubilosæ,
Ubi somnia permanebunt
Visionesque blandiosæ...

Volantes per intermundia,
Tanquam vos, pennatæ aves,
Ex corde perpetuo vadunt
Vanæ imagines suaves.

Dulce ó pœnarum poema,
Ut canas mihi desideria,
I, per atria, quasi hirundines,
Per atria nubis ætherea!

HYMNO BRASILEIRO

(*Original de Osorio Duque Estrada*)

I

Ouviram do Ypiranga as margens placidas
De um povo heroico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fulgidos,
Brilhou no céo da Patria nesse instante.

Si o penhor dessa egualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a propria morte!

Ó Patria amada,
Idolatrada,
Salvé! Salvé!

Brasil, um sonho intenso, um raio vivido
De amor e de esperança á terra desce,
Si em teu formoso céo, risonho e limpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza.
És bello, és forte, impavido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza,

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Patria amada!
Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplendido,
Ao som do mar e á luz do céo profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da America,
Illuminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flôres;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida", no teu seio "mais amores".

Ó Patria amada,
Idolatrada,
Salvé! Salvé!

Brasil de amor eterno seja symbolo
O labaro que ostentas estrellado
E diga o verde-louro dessa flammula
– Paz no futuro e gloria no passado.

Mas, si ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge á lucta,
Nem teme, quem te adora, a propria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Patria amada!
Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

HYMNUS BRASILIENSIS

(*Latina versio*)

I

Audierunt Ypirangæ ripæ placidæ
Heroicæ gentis validum clamorem,
Solisque libertatis flammæ fulgidæ
Sparsēre Patriæ in cælos tum fulgorem.

Pignus verò æqualitatis
Possidere si potuimus brachio forti,
Almo gremio en libertatis,
Audens sese offert ipsi pectus morti!

O Cara Patria,
Amoris atria,
Salve! Salve!

Brasilia, somnium tensum, flamma vivida
Amorem ferens spem ad orbis claustrum,
Si pulchri cæli alacritate limpida,
Splendescit almum, fulgens Crucis plaustrum.

Ex propriā gigas positus naturā,
Impavida fortisque ingensque moles,
Te magnam prævidebunt jam futura.

Tellus dilecta,
Inter similia
Arva, Brasilia,
Es Patria electa!
Natorum parens alma es inter lilia,
Patria cara,
Brasilia!

II

In cunis semper strata mirè splendidis,
Sonante mari, cæli albo profundi,
Effulges, o Brasilia, flos Americæ,
A sole irradiata Novi Mundi!

Cæterisque in orbe plagis
Tui rident agri florum ditiores;
"Tenent silvæ en vitam magis",
"Magis tenet" tuo sinu "vita amores".

O Cara Patria,
Amoris atria,
Salve, Salve!

Brasilia, æterni amoris fiat symbolum,
Quod affers tecum, labarum stellatum,
En dicat aurea viridisque flammula
– Ventura pax decusque superatum.

Si verò tollis Themis clavam fortem,
Non filios tu videbis vacillantes,
Aut, in amando te, timentes mortem.

Tellus dilecta,
Inter similia
Arva, Brasilia,
Es Patria electa!
Natorum parens alma es inter lilia,
Patria cara,
Brasilia!

INDEX CARMINUM

Recado do editor..... 5
Discipulis et amicis.....13
In excelsis.....15

CARMINA CLASSICO MORE.....21

Bahiæ Almæ et Magnæ.....23
Petro Secundo..... 26
Alberto I.º.....28
Humberto Sabaudiæ Principi..... 32
Ex.mo ac Rv.mo Dom.no Hieronymo Thomæ.....35
Reverentiæ Obsequium 37
Laudum Carmen.....39
Nobilissimo Dom.no Fideli de Stotzingen.....41
Carmen Amœbæum.....43
Amica Verba.....48
Hahnemanio Vimaranes..... 50
Carmen Sæculare..... 52
Carmina Laudis.....58
Ad Cœnobiarcham..... 60
Ex.mo ac Rv.mo Dom.no Petro Eggerath..... 61
Doctori Quintino do Valle.....63

CARMINA MODERNO MORE.....67

Sebastiani Christi Martyris.....69
Hymno de Santa Clara 72
Ad Summum Pontificem..... 74
Angelus.....76
As Ave-Marias.....77

Ioanni Gualberto 78
Hymno do Collegio Sion..... 79
Hymno do Collegio Alfredo Gomes..... 80
Florum Insula..... 82
Omnia nos uniunt..... 83

VATUM CELEBRIUM CARMINA QUÆDAM
AD ROMANUM IDIOMA,
METRO MODERNO, TRANSLATA..... 85

O que não passa (*Jonathas Serrano*) 87
Non discedens (*Latina versio*) 88
Mãe (*Leoncio Corrêa*)..... 89
Mater (*Latina versio*) 90
O sonho dos sonhos (*Mucio Teixeira*) 91
Somniorum somnium (*Latina versio*)..... 92
Illusões (*Medeiros de Albuquerque*) 93
Vana (*Latina versio*) 94
Palavras de um certo morto (*Anthero de Quental*) 95
Mortui cujusdam verba (*Latina versio*) 96
Nuvens (*Raul Maranhão*) 97
Nubes (*Latina versio*) 98
Solus (M. de Béthencourt) 99
Nada (*Joaquim Nabuco*) 100
Nihil (*Latina versio*) 101
Um velhinho das lendas japonesas (*Henrique de Casaes*) 102
Senex Japonesium Legendarum (*Latina versio*) 104
Ouvir Estrellas (*Olavo Bilac*) 106
Audire stellas (*Latina versio*) 107
Sabor das lagrimas (*Alberto de Oliveira*) 108
Lacrimarum gustus (*Latina versio*) 109
Prefacio (*Silva Marques*) 110

Præfatio (*Latina versio*).....111
Via dolorosa (*Hemeterio dos Santos*) 112
Dolorosa Via (*Latina versio*).....113
Lacrimae (*Floriano Brito*)..... 114
Lacrimæ (*Latina versio*)..... 115
A viola (*Sylvio Romero*)..... 116
Vidula (*Latina versio*).....117
Sapho (*Barão de Paranapiacaba*)..... 118
Sappho (*Latina versio*).....119
Magdalena (*João Ribeiro*) 120
Magdalena (*Latina versio*)..... 121
As Andorinhas (*Manuel dos Passos*).....122
Hirundines (*Latina versio*).....124
Hymno Brasileiro (*Osorio Duque Estrada*)..... 126
Hymnus Brasiliensis (*Latina versio*)..... 129

Hino Nacional Brasileiro em Latim

Por Francisco José dos Santos Braga

Duas características do referido texto latino precisam ser mencionadas: 1 – a tradução proposta por Mendes de Aguiar não é literal, fazendo largo uso de liberdades ditas poéticas, 2 – essa tradução é homeométrica, podendo tal versão latina do Hino ser cantada com a música da letra em português.

Por tradução homeométrica entende-se aquela que é feita com "metro semelhante", ou seja, observando-se a forma rítmica da obra poética original.

Seria, portanto, interessante verificar-se quais as principais características da letra do Hino Nacional Brasileiro para o perfeito entendimento da versão latina.

Inicialmente, deve-se frisar que tal letra se compõe de 50 versos distribuídos em duas partes rigorosamente simétricas tanto na métrica quanto no ritmo, cada uma com vinte e cinco versos, assim dispostos: doze decassílabos, sete tetrassílabos, dois heptassílabos, dois hendecassílabos e dois trissílabos.

O primeiro a aparecer é o decassílabo heróico, cuja característica é apresentar sílabas tônicas nas posições 6 e 10, obrigatoriamente, tendo mais uma ou duas sílabas tônicas complementares. Só a título de exemplo de verso decassílabo e de forma prática,

observemos as sílabas tônicas indicadas em negrito, em ambas as línguas:

Ou**vi**ram do Ipi**ran**ga as margens **plá**cidas
Au**die**runt Ypi**ran**gæ ripæ **pla**cidæ

Observe-se igualmente que as sílabas tônicas estão nas posições 2, 6 e 10, em ambas as versões (tanto em português quanto em latim).

De forma resumida, os 25 versos tanto da parte I quanto da parte II do Hino podem ser assim classificados na ordem em que aparecem:

1ª "stanza" ou estrofe: 4 versos decassílabos (heróicos).

2ª estrofe: 1 verso heptassílabo, 1 hendecassílabo, 1 heptassílabo e 1 hendecassílabo.

1º refrão: 3 versos tetrassílabos

3ª estrofe: 4 versos decassílabos heróicos

4ª estrofe: 3 versos decassílabos heróicos

2º refrão: 4 versos tetrassílabos, seguidos de 1 verso decassílabo heróico e 2 versos trissílabos.

Tanto a constituição das estrofes quanto a métrica utilizada servem para ambas as versões (em língua portuguesa e em língua latina).

A pronúncia que há de ser adotada é a tradicional (e não a restaurada).

Abaixo é apresentada a versão latina de Mendes de Aguiar para o Hino Nacional com todas as sílabas tônicas indicadas em negrito para melhor compreensão do que foi exposto.

Hymnus Brasiliensis

I

Au**die**runt Ypi**ran**gæ ripæ **pla**cidæ
He**roi**cæ gentis **va**lidum cla**mo**rem,
So**līs**que liber**ta**tis flammæ **ful**gidæ
Spar**sē**re Patriæ in **cæ**los tum ful**go**rem.

Pignus **ve**ro æquali**ta**tis
Possi**dē**re si po**tuĭ**mus brachio **for**ti,
Almo **gre**mio en liber**ta**tis,
Audens **se**se offer**t i**psi pectus **mor**ti!

O cara **Pa**tria,
Amoris **a**tria,
Salve! **Sal**ve!

Bra**si**lia, somnium **ten**sum, flamma **vi**vida,
A**mo**rem ferens **spem** ad orbis **claus**trum,
Si **pul**chri cœli a**la**cri**ta**te **lim**pida,
Splen**de**scit almum, **ful**gens, Crucis **plaus**trum.

Ex **pro**pria gigas **po**situs na**tu**ra,
Im**pa**vida, for**tīs**que, ingēnsque **mo**les,
Te **ma**gnam prævi**de**bunt jam fu**tu**ra.

Tellus di**le**cta,
Inter si**mi**lia
Arva, Bra**si**lia,
Es Patria e**le**cta!
Na**to**rum parens **al**ma es inter **li**lia,
Patria **ca**ra,
Bra**si**lia!

II

In **cu**nis semper s**tra**ta mire s**plen**didis,
So**nan**te mari, **cœ**li albo pro**fun**di,
Eff**ul**ges, o Bra**si**lia, flos A**me**ricæ,
A **so**le irradi**a**ta Novi **Mun**di!

Cete**rīs**que in orbe **pla**gis
Tui **ri**dent agri **flo**rum diti**o**res;
"Tenent **sil**væ en vitam **ma**gis,"
"Magis **te**net" tuo **si**nu "vita **amo**res."

O cara **Pa**tria,
Amoris **a**tria,
Salve! **Sal**ve!

Bra**si**lia, æterni a**mo**ris fiat **sym**bolum,
Quo**d a**ffers tecum, **la**barum stel**la**tum,
En **di**cat aurea **vi**ri**dīs**que f**la**mmula,
–Ven**tu**ra pax de**cūs**que super**a**tum.

Si **ve**ro tollis **The**mis clavam **for**tem,
Non **fi**lios tu vi**de**bis vacil**lan**tes.
Au**t, in** amando **te**, timentes **mor**tem.

Tellus di**le**cta,
Inter si**mi**lia
Arva, Bra**si**lia,
Es Patria e**le**cta!
Na**to**rum parens **al**ma es inter **li**lia,
Patria **ca**ra,
Bra**si**lia!

Francisco José dos Santos Braga é compositor, pianista, escritor, tradutor, gerente do Blog do Braga e do Blog de São João del-Rei. Para informações adicionais, consulte:

https://bragamusician.blogspot.com/2010/09/hino-nacional-brasileiro-em-latim.html

Joaquim Mendes de Aguiar

Joaquim Luís Mendes de Aguiar nasceu em 1875 na Bahia e morreu em 1927 no Rio de Janeiro. Poeta e humanista, escreveu pelo menos três livros de poesias: *Sanctitatis Nova Signa* (1916), *Monásticas* (1919) e *Ausonia Carmina* (1926).

Seu pseudônimo era Agesandro Termidêo na Arcádia Romana. É patrono da cadeira 37 da Academia Brasileira de Filologia. Escreveu inúmeras obras pedagógicas, especialmente sobre a didática do Latim, entre essas a *Gramática Latina*, feita em colaboração com Roberto Gomes Ribeiro, escritor de peças e crítico de teatro. Gomes Ribeiro foi professor no Colégio Pedro II.

Mendes de Aguiar foi aluno do Seminário da Bahia, mas não seguiu a carreira eclesiástica, trocando-a pelos estudos de Direito, graças aos quais tornou-se Promotor Público em uma das Comarcas do Estado de Sergipe.

No Rio de Janeiro, casou-se em 1913, aos 40 anos de idade, com Fátima Hyarup, da qual teve seis filhos (Bento, Alda Escolástica, Luís, Beda, Viliboldo e Flávio). Trabalhou nos Colégios "Alfredo Gomes", "Paula Ferreira" e "Ginásio de São Bento". Por meio de concurso entrou como Livre-Docente no "Ginásio Pedro II", merecendo, mais tarde, a nomeação para Lente Catedrático.